

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido**REFLEXÕES SOBRE GÊNERO EM PALESTRAS MINISTRADAS PARA
LICENCIANDOS DA MÚSICA, DANÇA E ARTES VISUAIS**Hugo Romano Mariano¹
Jorge Luiz Schroeder²

Resumo: Este trabalho reflete sobre estudos de gênero e artes, a partir de três palestras ministradas em 2023, 2024 e 2025, em uma disciplina obrigatória para licenciandos ingressantes de música, dança e das artes visuais de uma universidade pública paulista. Sob viés pós-estruturalista, utilizou-se pesquisa de campo com observação participante, focando na perspectiva do palestrante para descrever e analisar os dados. Aponta-se que muitos discentes apresentaram certa politização em relação às questões de gênero nas artes, operando suas agências a partir de parâmetros das ciências humanas, movimentos feministas, espaços escolares e materiais midiáticos. Observou-se que as referências bibliográficas da disciplina contemplam representações de gênero, raça e classe. Constatou-se que as palestras ainda têm por desafio atender às especificidades de cada área artística e suas correlações. Conclui-se que as exposições e interações na disciplina contribuíram ao reconhecer particularidades estéticas, oferecer ferramentas de mediação pedagógica e evitar leituras mecânicas sobre gênero e artes.

Palavras-chave: Mediação pedagógica. Gênero. Música. Dança. Artes visuais.

**LECTURES FOR UNDERGRADUATE STUDENTS IN MUSIC, DANCE, AND
VISUAL ARTS: reflections on the politicization of gender, aesthetics, and
pedagogical mediation**

¹ Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, campus Barão Geraldo. Pesquisa educação musical, estudos de gênero e educação do corpo. hugoromanomariano@gmail.com.

² Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Música, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Tem experiência nas áreas de artes e educação, educação musical e na sociologia da música popular. Vem atuando principalmente em pesquisas sobre corporalidade musical, processos de atribuição e apropriação de sentidos musicais de não musicistas. schroeder@unicamp.br.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Abstract: This work reflects on gender and arts studies, based on three lectures given in 2023, 2024, and 2025 in a mandatory course for incoming undergraduate students of music, dance, and visual arts at a public university in São Paulo. Using a post-structuralist approach, field research with participant observation was employed, focusing on the lecturer's perspective to describe and analyze the data. It is noted that many students demonstrated a certain politicization regarding gender issues in the arts, operating their agency based on parameters from the humanities, feminist movements, school spaces, and media materials. It was observed that the course's bibliographic references include representations of gender, race, and class. It was found that the lectures still face the challenge of addressing the specificities of each artistic area and their correlations. It is concluded that the presentations and interactions in the course contributed to recognizing aesthetic particularities, offering tools for pedagogical mediation, and avoiding mechanical readings on gender and the arts.

Keywords: Educational Mediation; Gender; Music; Dance; Visual Arts.

**CONFERENCIAS PARA ESTUDIANTES DE PREGRADO DE MÚSICA,
DANZA Y ARTES VISUALES: reflexiones sobre la politización del género, la
estética y la mediación pedagógica**

Resumen: Este trabajo reflexiona sobre los estudios de género y las artes, a partir de tres conferencias impartidas en 2023, 2024 y 2025 en un curso obligatorio para estudiantes de música, danza y artes visuales de nuevo ingreso en una universidad pública de São Paulo. Utilizando un enfoque postestructuralista, se empleó una investigación de campo con observación participante, centrándose en la perspectiva del profesor para describir y analizar los datos. Se observa que muchos estudiantes demostraron cierta politización respecto a las cuestiones de género en las artes, operando su agencia con base en parámetros de las humanidades, los movimientos feministas, los espacios escolares y los materiales mediáticos. Se observó que las referencias bibliográficas del curso incluyen representaciones de género, raza y clase. Se constató que las conferencias aún enfrentan el desafío de abordar las especificidades de cada área artística y sus correlaciones. Se concluye que las presentaciones e interacciones del curso contribuyeron a reconocer las particularidades estéticas, ofrecer herramientas para la mediación pedagógica y evitar lecturas mecánicas sobre género y artes.

Palabras clave: Mediación pedagógica. Género. Música. Danza. Artes visuales.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve e analisa três palestras ocorridas, respectivamente, em 2023, 2024 e 2025, em uma disciplina obrigatória para licenciandos do primeiro ano dos cursos de música, dança e artes visuais de uma universidade pública paulista. Eletivamente, a disciplina, por vezes, recebe bacharelados em artes cênicas e arquitetura.

Nisto, reflete-se sobre mediação pedagógica e estudos de gênero para evidenciar como, a partir das palestras, a referida disciplina mostra acolhimento e aprofundamento do gênero como tema emergente na educação e artes.

Observa-se: “Os debates educacionais contemporâneos carregam diversos temas emergentes de contextos de problematização de questões como gênero, diversidade, meio ambiente, cinema e arte, e a docência” (Machado; Oliveira, 2019, p. 8).

Reflete-se, assim, sobre questões de gênero e artes, partindo da música e dialogando com a dança e artes visuais. Assume-se vieses científicos e pedagógicos, estéticos e politizados ante as relações de ensino-aprendizagem na universidade.

O nome da referida disciplina não será mencionado por uma questão ética, na busca por preservar os discentes e a docente responsável, havendo nisto foco na perspectiva do palestrante, mediante pesquisa de campo e observação participante.

Vislumbra-se também tomar este trabalho como divulgação científica em prol da formação de professores, uma vez que este eixo temático, o amálgama entre artes, educação e gênero, é algo relativamente novo e carece de sustentações.

Por formação de professores, compreende-se o desafio de contemplar muitas demandas, e a complexidade das relações humanas colocadas nas exigências da educação, visto que de um modo macropolítico, a trajetória das políticas públicas voltadas às questões de gênero, dentre outras, é recente em nosso país (Machado; Oliveira, 2019).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Assim, “o gênero é um marcador social de diferenças que atravessa as relações sociais, a constituição dos sujeitos, os processos de ensino-aprendizagem, a cultura e os conhecimentos” (Altmann et al., 2022, p. 24): por vieses pedagógicos e institucionais.

O gênero é um espaço em que as realidades biológicas e sociais interagem, não nega a materialidade do corpo ou eleva a linguagem e a cultura acima das ciências biológicas. Ele fomenta as posições interativas, dinâmicas e de construção conjunta, superando os dualismos antagônicos do sexo-gênero, cultura-natureza (Butler, 2024).

Para Gherovici (2024), o gênero precisa ser incorporado como construção social, e o sexo para ser assumido anatomofisiologicamente, requer ser simbolizado. A arte, dentre outras linguagens, teria a função de inscrição corporal, de auxiliar no processo de encarnar um corpo em seus diversos sentidos.

Também nisso, Schroeder (2005), refletindo sobre corporalidade musical e educação musical, possibilita concatenar que o conhecimento musical se dá na inter-relação intensa e amalgamada, de difícil distinção, entre o corpo, os instrumentos musicais, e as concepções culturais da música (nas várias formas de expressão musical).

Então, refletir sobre gênero e artes ante questões educacionais é algo amplo, e aqui se assume uma análise contingencial, indicando que ela pode, dedutivamente, ser expandida nas correlações entre música, dança e artes visuais. Ainda assim, faz-se necessário não incorrer em generalizações ou leituras totalizadoras e mecânicas.

Em termos artísticos, Dixon (2011) mostra que até o século XX, as mulheres foram excluídas das artes visuais, e inspiradas no feminismo dos anos 1960, muitas artistas começaram a incorporar temas sociais e políticos em seus trabalhos. Desdobraram-se questões de discriminação, opressão, crítica ao patriarcado e à violência masculina, e a celebração e não estereótipo da sexualidade feminina.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Já para Hanna (1999), a dança é um meio capaz de eliminar ou reter limites, sensações e ideias sobre sexualidade e gênero. E as sociedades têm meios específicos - incluindo a dança - de se classificar, dicotomicamente, como homem e mulher.

E em diálogos com Jesus, Silva e Oliveira (2025) cabe observar, em termos da educação do corpo, que o termo “danças” pode ser utilizado de forma mais ampla, sem delimitar estilos ou modalidades específicas. Pormenorizando-se nisto as questões de gênero que influenciam as relações que os/as estudantes estabelecem com as danças.

Assim, ainda dialogando com Jesus, Silva e Oliveira (2025), essa escolha conceitual possibilita abarcar uma multiplicidade de expressões corporais e culturais que integram o universo da dança, reconhecendo sua pluralidade e evitando reduzir o olhar.

Observa-se que, por meio da prática pedagógica, é possível criar oportunidades para que todas as pessoas participem mais livremente, independentemente de seu gênero, promovendo a igualdade e o respeito pela diversidade (Jesus; Silva; Oliveira, 2025).

Silva (2019), ao refletir sobre gênero na aula de música na escola, denuncia a reiteração do estereótipo “meninas sentimentais” *versus* “meninos racionais”; e mostra que quem foge à dicotomia sofre preconceitos a partir da música que assume gostar.

Silva (2019) e Amaral (2016) podem ser aproximadas ao indicarem processos dicotômicos referentes à escola e aos sentidos musicais amalgamados ao gênero: explicitam a reiteração dos padrões binários por parte dos discentes e docentes.

Schroeder (2005), Nicolucci (2015), Amaral (2016), Silva (2019), Mariano e Schroeder (2025) possibilitam concatenar que o contexto escolar traz estreita relação entre música e gênero, sendo necessário preocupar-se com o preparo e atualização dos educadores, especialmente ao lidarem com adolescentes e suas relações com a música. Observando que locais de conservação e transmissão dos saberes (as instituições) podem ser os pontos mais impermeáveis a essas mudanças, e demandam muitíssimas estratégias.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Observada esta problemática, as palestras ministradas tiveram como objetivo instrumentalizar os licenciandos quanto às questões de gênero, educação e artes, abordando a complexidade dos processos constitutivos das diferenças, hierarquias e diversidades ante o amálgama das áreas artística, educacional e de gênero.

Enquanto resposta a esta problemática, este trabalho toma a mediação pedagógica como agência docente naquilo que diz respeito às questões de gênero nas artes, especialmente contemplando a politização, estetização e pedagogias que podem ser desafiadoras para a formação de professores no âmbito artístico-universitário.

Foram, então, ministradas as três palestras, organizadas a partir de demandas observadas em diálogos com a docência da disciplina e, subsequentemente, com os discentes de cada ano letivo (aproximadamente 90 alunos por ano).

Em termos teóricos, Altmann et al. (2022), ao dialogar com discentes do Ensino Médio, familiares, docentes e funcionários, de escolas públicas e particulares, apontam para a formação de professores na possibilidade de cavar brechas em verdades instituídas:

Alguns docentes explicitaram que, em decorrência do ambiente político bastante conservador, tem sido rotineira a presença de pais e mães buscando cercear as discussões sobre gênero nas escolas. Ainda assim, professoras e professores reconheceram o caráter científico que a escola outorga às questões de gênero e sexualidade, e salientaram que as artes, como áreas criativas e potencializadoras, promovem o reconhecimento daquilo que as e os jovens produzem e consomem, e possibilitam que se expressem em termos afetivos ou das identidades de gênero (Altmann et al., 2022, p. 31).

Cabe observar, portanto, tanto a necessidade de tensionar os cerceamentos em relação à temática quanto reconhecer os processos amplos de resistência e inclusão, envolvendo atuações individuais, ações coletivas, projetos pedagógicos e ativismo político, mais ou menos organizados em grêmios estudantis, grupos feministas juvenis...

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Altmann (2015) e Altmann et al. (2022) observam que o gênero adquire uma abrangência de sentidos, sendo compreendido em suas pormenorizações analíticas relacionais em articulação com outras categorias (de raça, sexualidade, classe, juventude, geracionalidade...), possibilitando versar sobre as relações de saber-poder e se instaurando como um dinâmico campo de estudos contestador e produtivo.

E ao analisar a complexidade que perpassa a função da escola, o papel do professor e as especificidades da juventude, Amaral (2016) defende uma educação voltada à formação estética e filosófica, ante o gênero em contextos escolares e na atuação docente.

Nicolucci (2015), Amaral (2016), Silva (2019), Mariano e Schroeder (2025) mostram que os professores e alunos podem compactuar de mudanças ou continuidades sobre gênero, sexualidade e artes, especialmente no contexto escolar, tanto como aliados quanto em oposição; havendo nisto a necessidade de observar o preparo e a atualização dos professores frente às dificuldades que alguns podem ter em lidar com tais questões.

Então, as palestras ministradas aos licenciandos da música, dança e artes visuais buscaram oferecer soluções para a problemática, ante limitações e potencialidades, frente à emergência e especificidades das questões das artes, gênero e educação.

METODOLOGIA

As três palestras ministradas foram organizadas a partir dos seguintes títulos:

Quadro 1 - Palestras ministradas entre 2023 e 2025 na disciplina

Ano	N.	Título
2023	1	Estudos interartes e estudos de gênero: uma introdução dialógica
2024	2	Pop. Funk e rap: música e estudos de gênero
2025	3	Gênero, diversidade étnico-racial e inclusão no ensino de arte-música

Fonte: criada pelos autores (2026).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
 Evento híbrido



As palestras ministradas partiram de noções interartísticas, e ofereceram conteúdos abrangentes das artes amalgamados aos conhecimentos sobre gênero.

E segue no quadro abaixo o resumo de cada palestra:

Quadro 2 – Resumo das palestras ministradas entre 2023 e 2025 na disciplina

Ano	N.	Resumo
2023	1	Esta é uma descrição e análise do vídeo: “The Weeknd & Ariana Grande – Save Your Tears” Desdobram-se, a partir do amalgamento dos estudos de gênero e dos estudos interartes, questões relativas aos padrões de gênero e a construção de sentidos no entretenimento e nas artes. Toma-se os estudos culturais e o pós-estruturalismo para refletir sobre a construção social e linguagem no referente à música, artes visuais, dança e arquitetura, oferecendo uma introdução reflexiva politizada e estética.
2024	2	Refletir sobre gênero na escola a partir dos estilos musicais pop, funk e rap. Metodológica e analiticamente, versa-se pós-estruturalmente sobre as relações de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes. Observando pormenores referentes à música, dança e artes visuais, especialmente através de materiais audiovisuais.
2025	3	Reflexão e interação sobre educação musical, estudos de gênero e diversidade étnico-racial para compreender e fomentar a inclusão no ensino de arte-música. São apresentados: 1) fundamentos da educação musical atrelados às noções de musicalidade, corpo e corporalidade musical, em perspectivas de enfrentamento e mediação pedagógico-musical a favor da diversidade e pluralidade sociocultural, e; 2) algumas vivências pedagógicas atuais. Na parte interativa, uma citação e três perguntas serão disparadoras da interlocução. Esta aula traz criticidade e compreensão mediante as possíveis especificidades educacionais e estéticas que trabalhar tal viés inclusivo pode demandar.

Fonte: criada pelos autores (2026).

Cada palestra durou cerca de duas horas, havendo exposição da temática por cinquenta minutos, um pequeno intervalo e as interações com os discentes e a docente. Na exposição e interação, os vídeos possibilitaram elucidar as reflexões e estimular discussões, sendo, em alguns momentos, inseridos vídeos sugeridos pelos discentes.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



Comumente, foram utilizados materiais audiovisuais que possibilitavam analisar melodias, letras, danças, figurino, cenografias, iluminação, arquitetura, plateias e interpretações cênicas a partir do intercruzamento entre música, dança e artes visuais.

Em termos gerais, a palestra 1, “Estudos interartes e estudos de gênero: uma introdução dialógica” (2023), partiu de duas questões muito básicas: 1) O que é o gênero? 2) Qual a correspondência entre gênero e artes? E havia, à época, uma questão acerca da polêmica da Ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, do governo de Jair Bolsonaro (2019 – 2022), ultraconservadora, que havia viralizado e se tornado meme a partir da frase: Meninos vestem azul, meninas vestem rosa!

Então, o ponto de partida de reflexão girou em torno desta noção de cor e sua suposta correlação com a identidade de gênero masculina e feminina. Defendeu-se que as artes podem oferecer leituras mais densas e menos dicotômicas em relação ao gênero.

Foi suscitado o vídeo referente a apresentação de Ariana Grande e The Weeknd, que cantaram a canção “Save Your Tears” (Guarde suas lágrimas) em um importante festival estadunidense. A reflexão fundamentou-se na noção de “interartes”, de Teixeira e Freitas (2020), que possibilitou analisar o material audiovisual sob aspectos musicais, cenografia, iluminação, das agências dos cantores, do figurino e da plateia...

Sendo possível mostrar como as cores azul e rosa foram, no começo do vídeo, usadas para representar noções binárias de masculinidade (azul) *versus* feminilidade (rosa), e ao longo da apresentação, isto foi se alterando, havendo a possibilidade de avaliar, por *frames*, o fluxo de utilização destas cores na plateia e nos telões de projeção, havendo também, por exemplo, o uso de cor análoga ao azul, certo tom de verde.

Então, ficou demonstrado que mesmo fundamentado em bases dicotômicas e incorrendo em estereótipos, as artes podem propiciar deslocamento dos sentidos mais comuns dos objetos do cotidiano. E pensar o gênero em meio a isso, simultaneamente, implica em perceber reiterações das normas, possíveis fluxos e ressignificações.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Já a palestra 2, “Pop, Funk e Rap: música e estudos de gênero” (2024), buscou impulsionar a apreciação musical, a visibilidade, a “dancialidade” e os ritmos que são, ao mesmo tempo, muito populares e ainda bastante discriminados.

Havia, assim, a intenção de refletir sobre gênero e artes, suscitando críticas ao elitismo artístico (música boa *versus* música ruim). Mostrando que, para pensar questões de masculinidade, feminilidade e não binariedade nas artes, é necessário observar o quanto alguns gêneros artísticos são estereotipados por imprimirem certa liberdade sexual, musicalidade, dança e visualidade enquanto enunciados menos normativos.

Nesta aula foram apreciadas três canções a partir de três vídeos: 1) IZA - FÉ (Videoclipe Oficial); 2) MC Carol - MULHER DO BOROGODÓ (prod. Goes) [Clipe Oficial]; 3) Troca - Azula - Sofar - Rio de Janeiro; todos disponíveis no Youtube.

O primeiro vídeo foi usado para refletir sobre a representação das mulheres negras, transitando entre imagéticas do catolicismo e das religiões de matrizes africanas. Disto, apontou-se que na performance da cantora Iza há referências à arte contemporânea, e possíveis relações entre a cenografia e representações do corpo feminino metaforizado.

No segundo vídeo foi observada a ambiguidade da representação da sensualidade dos corpos das mulheres negras e gordas, sendo possível demonstrar certa objetificação e também uma agência disruptiva quanto aos padrões mais tradicionais de representação.

Este vídeo, utilizando de animação, trata com humor e paródia questões da liberdade sexual das mulheres, havendo inclusive referências à Disney. Trata do prazer feminino, da ruptura com ideia de mulher casta e dos ideais de corpos magros e brancos. Tal escolha pela animação trouxe certa leveza e ludicidade à desafiadora discussão.

E o terceiro vídeo possibilitou refletir sobre questões relativas à transgeneridade, negritude e educação, uma vez que ele retrata a trajetória da compositora e intérprete Azula, que narra as peripécias, delícias e opressões de ousar “trocar” de gênero e, nisto, deliciar-se ao som da batida do funk, mas ser violentada pela polícia e pela escola.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A palestra 3, “Gênero, diversidade étnico-racial e inclusão no ensino de arte-música” (2025), teve por objetos midiáticos três vídeos: 1) Elis Regina - "Essa Mulher"; 2) Katú Mirim - Bling Bling (visualizer); 3) Troca - Azula - Sofar - Rio de Janeiro.

No primeiro vídeo há a representação da vida da mulher artista que pela manhã cuida de seus filhos, das coisas da casa e do marido. À tarde, volta-se às coisas da arte, aos ensaios; e à noite, entrega-se ao prazer do amor e da liberdade sexual, reconhecendo em tudo isso a ambígua condição de prazer e cobranças, da acumulação de tarefas: obra do final dos anos 1970, de efervescências de trabalhos acadêmicos feministas e artísticos.

O segundo vídeo diz sobre uma crítica proposta pela rapper indígena Katú Mirim, uma provocação quanto ao gênero “ostentação” do rap e do funk. O eu lírico da canção mostra como o garimpo em terras indígenas, especialmente executado para exploração do ouro, precisa ser observado em termos de exploração dos corpos femininos, na matança dos povos indígenas, no desmatamento... A crítica se sustenta na dimensão de que artistas negros e indígenas precisam reconhecer os graus de exploração das mulheres e da terra, e buscar meios menos ostentatórios e mais críticos quanto às artes e ao capitalismo.

E o uso, novamente, da canção de Azula refletiu o “sucesso” com os discentes observado no ano anterior, reiterando a estratégia de se discutir questões das transgeneridades, negritudes, violência policial e o preconceito no âmbito da escola.

Assim, as palestras possibilitaram explicitar a importância dos elementos estéticos e da mediação pedagógica como ferramentas para o entendimento, aprofundamento e a propagação de conhecimentos relativos às artes e à politização do gênero nas artes.

Cabe salientar o quão recente é, por exemplo, a aprovação da Lei nº 14.986 (Brasil, 2024) que resgata as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política, e institui a “Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História”; a ser realizada na segunda semana do mês de março, dentro das escolas públicas e particulares de todo país.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Cabe observar que no texto da lei não há o uso do termo “gênero”, uma vez que este garantiria maior abrangência de inclusão, mas, para que a lei fosse finalmente aprovada, houve este acordo, de certo modo, cerceador.

Então, fomentar, através das palestras, o uso da mediação pedagógica e valorar os elementos estéticos, engajados ou não, implica em dialogar e pôr à baila, por exemplo, as reflexões de Gherovici (2024) quanto às normas e plasticidade do corpo, do sexo e gênero naquilo que diz respeito a como as artes, nas novas mídias e entretenimento, podem possibilitar aberturas e novos sentidos às reorganizações e criações artísticas e corporais.

E as palestras, voltando-se às pormenorizações da aquisição dos saberes sensíveis estéticos e das agências politizadas, apontam também para a necessidade de superação de certo elitismo e exclusão: seja em relação ao tabu de se trabalhar as questões de gênero, raça e classe, seja pelo fato de se fazer necessário ampliar as concepções artísticas.

Nisto, Butler (2019) indica que se observe, criticamente, o quanto a construção do gênero pode operar apenas para meios de exclusão, estritamente falando; havendo a necessidade de articulações culturais que ampliem as noções de humano/humanidade.

Assim, os seres abjetos — definidos como “menos humanos” pelas hierarquias culturais, como no caso da invisibilidade das mulheres na arte e da negação de pessoas transgêneras, não binárias, gays, lésbicas e bissexuais por narrativas hegemônicas — evidenciam a necessidade de superar o preconceito e abraçar a criatividade inclusiva.

Altmann (2015) e Altmann et al. (2022) mostram que devemos estar atentos para como os estudos de gênero têm problematizado o caráter natural e biológico dos corpos e das diferenças entre sujeitos, e que é um engano pensar que o corpo é apenas regido por leis fisiológicas que escapam da história e da cultura, e das artes.

Isso possibilita reflexões a partir da música, da história, da dança, das artes visuais e de outras áreas. Observando as práticas pedagógicas e as atuações acadêmicas, política e educacionalmente, através de agências complexas, diversificadas e em disputas.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Reconhecendo nisto que não se trata de uma temática comum, mas carregada de cerceamentos e tabus. Ainda assim, ela pode ser trabalhada na articulação de ferramentas pedagógicas e noções estéticas, na observação das agências individuais e coletivas, em vieses institucionais, criativos e pedagógicos: mediante limites, aberturas e rupturas.

A estética aqui, então, pode ser compreendida como noção dinâmica e histórica, ante vivências e erudição, em concepções artísticas e não artísticas, entre o tradicional e contemporâneo, o inteligível e o abjeto: naquilo que pode demandar mediações.

Nisto, a arte pode ser compreendida como conhecimento inteligível e saber sensível: diz sobre certo conhecimento estético conceitual (inteligível), signos, sentidos e simbolização do saber sensível, em dimensões educacionais contextuais, socioculturais.

E a politização do gênero nas artes implica em observar, dialogicamente, que:

O verbo politizar entrou de vez no léxico brasileiro, sendo empregado para estigmatizar adversários e demarcar territórios, sempre em nome da ideia de que interesses políticos indevidos estariam a distorcer os termos do debate público... Acontece que politizar também remete à ideia de que se deve “tornar pública” toda discussão que diga respeito à comunidade como um todo... A politização carrega consigo muitas ambiguidades. Pode tanto expressar uma postura cívica e aberta ao diálogo com os demais quanto uma visão que considera que “política é tudo”, como se inexistissem outras dimensões relevantes fora dela (Jornal da UNESP, *on line*; Nogueira, 2021).

Portanto, neste trabalho, a politização diz respeito a condições contextuais, contingenciais e contraditórias sob as quais questões de gênero, em amálgama com as artes, podem ser observadas na materialidade das vivências e do senso crítico.

Então: 1) assume-se a urgência da politização; 2) critica-se as generalizações e descontextualizações que não observam a potência e particularidades dos elementos artísticos e educacionais; 3) eleva-se a mediação pedagógica à agência favorável às problematizações, inclusões e à construção de novos sentidos do gênero e das artes.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mesmo a disciplina não sendo objeto desta reflexão, através das palestras, ante os diálogos entre discentes, docente e palestrante, foi possível constatar nela o acolhimento e aprofundamento do gênero como tema emergente na educação e nas artes.

Constatou-se que os discentes, em reivindicações quanto à temática emergente do gênero, foram assistidos pela docente, e ela também os provocou quanto à temática. Isto instaurou os convites, a efetivação das palestras e as trocas no cotidiano da disciplina.

Então, a partir das palestras e compreendendo a sua abrangência na disciplina, destacam-se quatro desdobramentos importantes:

1º O caráter interartístico da disciplina, com alunos das áreas da música, dança e artes visuais, sendo a disciplina ministrada por uma docente da área da música; e por este pesquisador também ser da música, tomou-se como foco esta arte, mas abrindo diálogos.

2º Da atuação pedagógica voltada a promover trocas, reflexões e conhecimentos a partir da atualização dos saberes pré-adquiridos sobre a temática da disciplina. Vê-se acolhimento e mediação entre o que os discentes já dominam e no que podem avançar.

Os discentes mostraram uma politização gradual em relação às questões de gênero nas artes, operando suas agências em parâmetros das ciências humanas e sociais, movimentos feministas, espaços escolares e materiais midiáticos.

3º Este palestrante cursou tal disciplina em 2010, com outra docência, e foi um aluno questionador em relação ao gênero e sexualidade nas artes: algo incomum à época. Em 2014, um outro estudante, que também havia cursado a mesma disciplina, disse: “Nossa, como você se aprofundou, passou a falar coisas interessantes! Ou fui eu quem mudou e consigo entendê-lo?” O que pode evidenciar certa abertura à temática.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Em 2023, 2024 e 2025, no contexto das palestras, foi possível observar certo engajamento crescente por parte dos discentes, havendo comentários politizados, citações de livros e vídeos do âmbito dos estudos de gênero, raça e classe, e de obras de arte (eruditas, populares e *pops*) que evidenciam o amalgamento entre as artes e o gênero.

Mas as interlocuções possibilitaram perceber certas descon siderações e generalizações sobre o tema, havendo leituras taxativas (dogmáticas, muito concretas), sem as contradições e especificidades (epistemológicas, pedagógicas e artísticas): salvaguardando que se tratavam de relações de ensino-aprendizagem com primeiranistas, que estavam sendo introduzidos, então, aos modos mais acadêmicos de reflexão.

4º Observou-se haver alterações “recentes” na bibliografia da disciplina, havendo nas referências alguns textos escritos por mulheres, pessoas negras, latinas e brasileiras; dados que carecem de maiores aprofundamentos, mas que apontam mudanças.

Estes quatro desdobramentos dizem respeito a um processo dialógico, voltado às trocas entre o palestrante, discentes e a docente responsável pela disciplina. Portanto, são parciais e cumprem a função de aberturas às reflexões, não sendo leituras absolutas.

Assim, como ressalvam Mariano e Altmann (2022), cabe reiterar:

Aqui, enquanto professores, interpretamos, aos nossos modos, as contribuições de nossas alunas e alunos à época, esmerilhando nossa análise, e isto foi feito sem buscar constrangimentos, e impulsionando as contradições, pois acreditamos que os dissensos, em disputas e complementariedades, podem contribuir para reflexões e mudanças (Mariano; Altmann, 2022, p. 7).

Então, este é um trabalho analítico e descritivo que abordou os interesses e limites das autorias, fomentando trocas e aprofundamentos. O estudo aponta possibilidades de atravessamentos entre música, dança e artes visuais, reconhecendo, contudo, especificidades que carecem de maiores investigações.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



CONCLUSÕES

Com base nas palestras da disciplina, considera-se positivo elas terem ocorrido logo no primeiro ano de ingresso de licenciandos em música, dança e artes visuais; pormenor que permitiu identificar uma politização gradual sobre gênero nas artes, e o fornecimento de bases para a reflexão e aprofundamento acadêmicos futuros.

Constataram-se adaptações na bibliografia da disciplina, com a inserção de autorias que contemplam representações de gênero, raça e classe. Este é um aspecto que requer maior aprofundamento, mas indica processos de trocas entre docente e discentes, sendo possível apontar o gênero como tema emergente na educação e artes.

Evidenciou-se que as palestras ainda têm por desafio atender às especificidades de cada área artística e suas correlações no que se refere ao gênero, pois se observa maior ênfase aos paradigmas musicais, sendo ainda iniciais quanto à dança e às artes visuais. Salvaguarda-se, nisto, a articulação entre reflexões referentes às artes e à arte-educação.

Conclui-se que as palestras contribuem para o reconhecimento de particularidades estéticas, bem como para a oferta de ferramentas pedagógicas, raras neste eixo temático, destacando-se a iniciativa da docência da disciplina e a abertura dos discentes. Nesse sentido, as palestras devem ser observadas na busca por evitar leituras mecânicas quanto à politização, estetização e mediação pedagógica no amálgama entre gênero e artes.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



ALTMANN, Helena et al. Unicamp de Portas Abertas 2022: oficinas sobre gênero ministradas para discentes, docentes e familiares que visitaram a universidade. **Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 17-46, 2022.

AMARAL, Mônica. **O que o rap diz e a escola contradiz**: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2016.

BRASIL. Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024. [Ementa: Altera a Lei nº 9.394...]. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 set. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições/Crocodilo edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

FREITAS, Alexandre Siqueira de; TEIXEIRA, Geraldo Henrique Tadeu Santos. Estudos interartes: Uma introdução. **Farol**, v. 16, n. 22, p. 130–138, 2020.

GRAHAM-DIXON, Andrew. **Arte – Guia visual definitivo da arte**: da Pré-História ao século XXI. São Paulo: Publifolha, 2011.

HEROVICI, Patricia. **Transgênero**: Lacan e a diferença dos sexos. São Paulo: Aller, 2024.

HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero**: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

JESUS, Joice Gottardo de; SILVA, Erineusa Maria da; OLIVEIRA, Maurício Santos. Quando as danças desafiam as normas: masculinidades, corpo e gênero nas trajetórias

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



de estudantes de educação física. **Diversidade e Educação**, v. 13, n. 2, p. 952–973, 2025.

MACHADO, Gabriela Eldereti; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. **Temas emergentes à educação**: docências em movimento no contexto atual. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

MARIANO, Hugo Romano; ALTMANN, Helena. Gênero e arte, ecletismo e politização: reflexões sobre a exposição Queermuseu em uma disciplina de graduação. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7. Campina Grande. **Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**, 2022. p. 1-8.

MARIANO, Hugo Romano; SCHROEDER, Jorge Luiz. Educação musical e estudos de gênero: indisciplina e normatividade em aulas de canto coral em um projeto social. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL - ABEM, 27, Campinas. **Anais do XXVII Congresso da ABEM**, 2025. p. 1-15.

NICOLUCCI, Livia. **A utilização e apropriação da música no contexto escolar**. 123 p., Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Arte, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SCHROEDER, Jorge Luiz. As marcas do corpo na música: a corporalidade como alicerce educacional. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL – ABEM, 15. Belo Horizonte: **Anais do XV Encontro da ABEM**, 2005. p. 1-7.

SILVA, Helena Lopes da. **Música, juventude e a construção da identidade de gênero no espaço escolar**. Curitiba: Appris, 2019.